

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ANGELA MARIA MARTINI DOS REIS

**DESAFIOS DA APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM AUTISMO
(TEA): Uma revisão bibliográfica**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

ANGELA MARIA MARTINI DOS REIS

**DESAFIOS DA APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM AUTISMO
(TEA): Uma revisão bibliográfica**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2020



TERMO DE APROVAÇÃO

Desafios da Aprendizagem para Crianças com Autismo (TEA): Uma revisão
bibliográfica

Por

Angela Maria Martini dos Reis

Esta monografia foi apresentada às **19h30min do dia 25 de setembro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Goioerê, PR. Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof. Dr. Lairton Moacir Winter
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Dr. Leandro Turmena
UTFPR – Câmpus Dois Vizinhos

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível.

Dedico este trabalho à minha orientadora Professora Marlene Magnoni Bortoli cuja dedicação e paciência serviu como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho. Grata por tudo.

Dedico aos meus pais (in memoriam), que foram pilares da minha formação como ser humano.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nesse curso de pós-graduação e durante toda minha vida. A eles minha eterna gratidão!

A minha orientadora professora Mestra Marlene Magnoni Bortoli pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço à minha amiga Rozangela Nogueira que nunca se negou a compartilhar seus conhecimentos comigo. Isso fez toda a diferença. Dedico a minha monografia a ela. Muito obrigada, minha querida.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos” (AUGUSTO CURY).

RESUMO

REIS, Angela Maria Martini dos. **Desafios da Aprendizagem para Crianças com Autismo (TEA): Uma revisão bibliográfica.** 2020. 30fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

O número de alunos com transtorno do espectro do autismo é cada vez maior, apesar disso, é uma condição pouco conhecida entre os profissionais da escola e pela sociedade em geral. E com implementação de processos inclusivos, muitos desafios são encontrados, sobretudo a insuficiência de um atendimento educacional apropriado as suas necessidades para uma aprendizagem de qualidade. Neste sentido, este trabalho teve como temática principal compreender os desafios da aprendizagem para crianças com autismo. A pesquisa é de cunho bibliográfico, baseada em literaturas presentes em livros, revistas e artigos científicos, as quais permitem uma discussão com os autores que debatem sobre o tema. A fundamentação teórica deste estudo tem como base alguns pesquisadores que trazem contribuições voltadas aos objetivos da pesquisa. Diante das discussões dos autores pesquisados, é possível refletir que é necessária uma formação profissional que habilite os profissionais da educação a desenvolver práticas que se utilizam de recursos pedagógicos lúdicos e diferenciados adaptados às necessidades individuais do aluno autista. Desta forma é possível desenvolver as habilidades do aluno e sua capacidade de aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem; Autismo; Desafios; Inclusão; Professor.

ABSTRACT

REIS, Angela Maria Martini dos. **Learning Challenges for Children with Autism (ASD): A literature review.** 2020. 30fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

The number of studies with autism spectrum disorder and increasing, despite this, is a condition little known among school professionals and society in general. And with the implementation of inclusive processes, many challenges are found, above all, the insufficiency of an educational service appropriate to their needs for quality learning. In this sense, this work had as main theme to understand the learning challenges for children with autism. The research is of a bibliographic nature, based on literatures present in books, magazines and scientific articles, which allow a discussion with the authors who foster on the theme. The theoretical basis of this study is based on some researchers who bring contributions aimed at the research objectives. In view of the discussions, it is possible to reflect that professional training is necessary to enable education professionals to develop practices that use playful and differentiated pedagogical resources adapted to the individual needs of the autistic student. In this way it is possible to develop the student's skills and learning ability.

Keywords: Learning; Autism; Challenges; Inclusion; Teacher.

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

ABA – Applied Behavior Analysis

ABRA - Associação Brasileira de Autismo

ABRAÇA - Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Autismo

AMA - Assistência Médica Ambulatorial

APA - American Psychiatry Association

CA – Comunicação Alternativa

CAPSI - Centros de Atenção Psicossocial

LDB – Lei das Diretrizes e Bases

ONU – Organização das Nações Unidas

PCS – Símbolos de Comunicação Pictórica

TEA - Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	12
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O AUTISMO	14
3.2 CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	17
3.3 OS DESAFIOS DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO.....	18
3.4 ALGUNS RECURSOS PEDAGÓGICOS QUE CONTRIBUEM NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS.....	20
3.4.1 Casos de Pesquisas Tecnológicas na Educação	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Segundo Fernandes e Silva (2016) um dos assuntos que mais vem sendo discutidos na área da educação, são os desafios enfrentados pelos professores a respeito do comportamento dos alunos, assim como as dificuldades e transtornos de aprendizagem. Pode-se dizer que, a aprendizagem é um processo amplo que é realizado no interior dos indivíduos, que pode ser manifestado pela mudança de comportamento. Santos (2009) ressalta que é fundamental compreender o processo que envolve o ensino e aprendizagem para reconhecer no aluno, quais os fatores que estão interferindo neste processo. Neste contexto, destaca-se o autismo, que segundo Silva et al., (2012, p. 4) “é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”.

De acordo com Santos (2009) o número de crianças com algum tipo de transtorno nos últimos anos vem crescendo, dentre eles o autismo, tornando-se necessários estudos na área pedagógica e formação adequada aos professores para lidar com estas crianças. Neste aspecto, o autismo não exige conhecimento apenas da escola, pois, não afeta somente os professores em sala de aula, mas envolve aspectos de relevância social.

A grande preocupação de profissionais da educação é compreender como a criança aprende e, a partir disso, criar estratégias em prol da aprendizagem. Mas muitas vezes as dificuldades e o comportamento dos alunos não é algo simples. Quando uma criança com autismo é incluída no ambiente regular além de exigir conhecimento do professor sobre a aprendizagem de cada aluno, o diagnóstico é significativo (SANTOS, 2009).

Pesquisa nesta área é relevante e se justifica à medida que a criança com transtorno do espectro autista (TEA) tem como sua principal característica a falta de interação social, que de acordo com Dechichi e Ferreira (2010) é um conceito muito mais amplo, deixa de considerar apenas as características de funcionamento cognitivo das pessoas que apresentam limitações intelectuais, para também analisar a interação delas com o meio. O transtorno do aspecto autista (TEA) afeta o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

No ambiente escolar, é fundamental, pois, o conhecimento do processo de aprendizagem de cada criança, bem como a compreensão das manifestações e das

complicações do autismo, assim como as mudanças comportamentais da criança com transtorno do espectro autista (TEA). A compreensão do autismo e a individualidade da criança podem contribuir com mudanças na atuação do professor junto a ela, e encontrar novos recursos pedagógicos para diminuir os desafios enfrentados, sempre respeitando as diferenças (SANINI et al., 2013).

O interesse pelo tema desta pesquisa partiu das considerações enquanto professora da rede municipal de educação, por perceber a precariedade neste aspecto na educação e pela nossa sociedade despreparada para lidar com a realidade desafiadora. Além disso, os desafios enfrentados pela própria criança autista, em um processo de inclusão para que não se sinta diferente. Portanto, é fundamental refletir aspectos desafiadores da profissão, para desenvolver no aluno autista uma aprendizagem de qualidade.

Neste sentido a presente pesquisa tem como objetivo geral: compreender o processo da aprendizagem em crianças com autismo (TEA).

Como objetivo específico buscou-se:

Apresentar aspectos históricos sobre o autismo;

Mostrar as características do transtorno do espectro autista (TEA);

Refletir quais recursos pedagógicos contribui para a educação de qualidade das crianças autistas e;

Analisar o processo de inclusão na legislação e o TEA.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 TIPO DE PESQUISA

As pesquisas podem ser classificadas por diferentes critérios, de acordo com Gil (2010, p.26), “é possível estabelecer múltiplos sistemas de classificação e defini-las segundo a área de conhecimento, a finalidade, o nível de explicação e os métodos adotados”.

Esta pesquisa segundo a área de conhecimento de acordo com o CNPq classifica-se na área de Ciências Humanas. Com relação a sua finalidade, trata-se de uma pesquisa básica pura. Segundo Gil (2010, p. 27), pesquisas básica pura “são pesquisas destinadas unicamente à ampliação do conhecimento, sem qualquer preocupação com seus possíveis benefícios”. Em relação aos objetivos ou propósitos, esta pesquisa classificou-se em exploratória tendo como método empregado na coleta dos dados a pesquisa bibliográfica.

Segundo Marconi e Lakatos (2011), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, dissertações, teses, publicações avulsas e imprensa escrita. Gil (2010, p.29) acrescenta que “em virtude da disseminação de novos formatos de informação, as pesquisas bibliográficas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado na internet”.

A finalidade da pesquisa bibliográfica é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com o material escrito sobre um determinado assunto, no qual já foi publicado. De acordo com Borba (2003), a pesquisa bibliográfica pode ser realizada de forma independente ou como parte integrante de outra forma de pesquisa. Seu propósito principal consiste em oportunizar ao pesquisador, informações e conhecimentos sobre contribuições científicas existentes referentes ao assunto pesquisado.

2.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Por se tratar de uma pesquisa sobre um assunto específico, foi necessário um processo de sondagem, com vistas à seleção do material bibliográfico para coleta dos dados. Após a seleção do material, realizou-se leitura do material selecionado fazendo os apontamentos necessários para a escrita desta monografia.

O desenvolvimento da pesquisa bibliográfica deste estudo tem como base os estudos de Fernandes e Silva (2016); Dechichi e Pereira (2010); Oliveira e Sertié (2017); Oliveira et al., (2017); Santos (2009); Mello et al., (2013) e Silva et al., (2012) e outros pesquisadores que trazem contribuições a este tema de pesquisa.

A organização desta monografia está dividida em quatro momentos: No primeiro apresentou-se pequeno trecho dos aspectos históricos sobre o autismo; em segundo momento mostrou-se as características do transtorno do espectro autista (TEA); em terceiro momento os desafios do professor em relação a crianças com autismo; e por fim, verificaram-se alguns recursos pedagógicos que contribuam numa educação de qualidade das crianças autistas.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O AUTISMO

A luta das pessoas com algum tipo de necessidade na sociedade foi determinante até hoje, mas as primeiras reivindicações em relação ao autismo no Brasil partiram dos pais, profissionais da saúde, acadêmicos, profissionais da educação e do próprio autista em prol dos seus direitos, pois o Brasil não se tinha estratégias para sustentar ações. De acordo com Feldman et al., (2017) as lutas determinaram o surgimento dos primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPSi) e a Assistência Médica Ambulatorial (AMA) para atender as necessidades especiais na área da saúde e social. Dessa forma estas foram se expandindo, permitindo o surgimento de especialidade para atender o autista como: a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Autismo (ABRAÇA), Fundação Mundo Azul, entre outras.

Segundo Oliveira (2016) a declaração de Salamanca em 1994, foi um marco para assumir compromissos entre países inclusive o Brasil, uma educação para todos, assim as crianças e jovens com necessidades especiais foram incluídos na escola comum, pois eram vistas como obstáculos. Exemplo disso é a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), que objetivou, entre outros aspectos:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação [...] O poder público deverá instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado (LDB, 1996, Art.59).

Percebe-se que, as Leis em defesa da educação de pessoas com autismo aos poucos foi se aprimorando. Em 2012, foi sancionada a Lei Nº 12.764 (Lei Berenice Piana), que prevê a política nacional da proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi através desta, que os diagnosticados com autismo, passam a ser vistos como pessoas com deficiência. Por isso, ao serem incluídas na classe regular devem ter direito a um acompanhante

especializado, além de outros benefícios que deveriam ser assumidos (BRASIL, 2012).

Para além destas, a mais recente promulgada é a Lei Nº 13.146/2015 que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nos aspectos mais envolvidos a cidadania. Por isso estes podem ser incluídos na educação inclusiva em todos os níveis da escola Básica. Assim o autista ganha espaço para desenvolver possíveis talentos e habilidades em todos os aspectos (BRASIL, 2015).

Mello et al., (2013, p. 51) ressalta que, em uma pesquisa desenvolvida pela AMA, apesar das leis serem criadas e haver avanços no estudo, o problema ainda é grande em relação à efetividade de intervenções terapêuticas e educacionais do autismo. O método científico ainda é muito empírico nos aspectos globais da doença. Desse modo, há esperança de que o governo não interfira no tipo de metodologia aplicada, mas sim que estabeleça critérios de atendimentos para avaliar se o trabalho escolhido pela entidade e sua forma de aplicá-lo para dar resultados positivos.

Outro problema também é em relação à família, é surpreendente a falta de colaboração e responsabilidade com as entidades para ter mais atenção, já que partiu dos próprios pais a fundação da grande maioria das entidades. Não basta apenas reivindicá-las e esquecer deixar por parte do governo, este não desenvolve ações sem que seja pressionado pela população. Portanto, as instituições:

Precisam e merecem ser ouvidas e cobradas como parceiras na busca por melhores prognósticos, não como soluções provisórias para as pessoas com autismo. As famílias deram o primeiro empurrão: é preciso que os poderes legislativo, judiciário e executivo assumam e apoiem a consolidação e aprofundamento do trabalho iniciado (MELLO, 2013, p.57).

Assim, o apoio do poder público, deve assumir o papel para melhorar a formação daqueles que lidam com o TEA, seja para os profissionais da saúde (pediatras, psiquiatras, terapêuticos, psicólogo e fonoaudiólogo), seja para os envolvidos na educação (professores, psicopedagogos, etc).

Os caminhos trilhados pelas pessoas com alguma deficiência não foram fáceis, em sociedades tradicionais eram denominadas autistas pessoas que tinham dificuldades de interação social e eram entendidas como deficiências mentais. Em discussões em torno do autismo eram limitadas, principalmente ao se tratar sobre

patologias psiquiátricas infantis, pois nem se conhecia o olhar sobre a infância (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

Chiari et al., (2008) ressalta que, o autismo na infância foi definido pelo médico austríaco Kanner em 1943. Antes disso, este conceito era denominado apenas como um sintoma extremo de alienação e esquizofrenia. Com as descobertas de Kanner, o distúrbio Autístico passou a ser entendido como uma dificuldade de contato afetivo, mas com uma presença de boas potencialidades cognitivas. No entanto esta teoria teve problema para se manter, pois contrariava o modelo familiar em função de alterações do caráter afetivo e biológico, em que o transtorno teria como causa única a falta de afeto, mas que contribuiu certamente com a comunidade científica. No ano de 1944, Hans Asperger fez estudos que definia o autismo de Psicopatia Autística, onde o transtorno era severo em relação à interação social. Para os estudiosos a deficiência tinha características físicas, de história familiar e dificuldades na aprendizagem.

Na década de 1980, o autismo passou a ser reconhecido de forma singular, retirando a ideia de esquizofrenia, levando a discussões sobre o assunto e novos estudos, a qual daria novo conceito de uma síndrome de distúrbio do desenvolvimento, sendo mais bem definido. Assim as reflexões acerca do autismo, foram-se aperfeiçoando (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

Eler (2019) mostra que a partir dos anos 1990 a ideia de espectro ganhava espaço na comunidade científica com o trabalho do psiquiatra Lorna Wing que foi um dos primeiros a defender que o espectro do autismo não poderia ser de característica única, pois os comportamentos dos autistas são variados. Mas as nomenclaturas só foram alteradas a partir de 2003 com a publicação do manual de transtorno mentais, pela associação Americana de psiquiatria, o manual continha diferentes distúrbios do autismo relatados pelas famílias. Neste espaço o autismo de conceito tradicional, dividia espaço com o novo conceito de síndrome de asperger. Esta definição é mais moderna e classifica os autistas em relação à intensidade desta.

Já em 2010 no Brasil, a organização das nações Unidas (ONU) celebrava o dia Mundial da Conscientização do Autismo, com características azuis que representava o autismo (FERNANDES; SILVA, 2016).

3.2 CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Segundo Nascimento e Santos (2017) a palavra autismo (autós) deriva-se do grego a qual significa (voltar para si mesmo). Segundo Silva et al., (2012) ao ouvirmos a palavra autismo, remete-se à imagem de criança isolada em seu mundo, sem nenhuma interação social, sendo um mundo escondido e estranho, que não fazem parte do ambiente tido como normal, não brincam e fica balançando o corpo o tempo todo. Mas não é assim, estes precisam de um olhar mais reflexivo e sentimental, que os torna iguais às outras crianças. Para Oliveira e Sertié (2017, p. 233) “o autismo é uma condição que afeta as principais áreas do desenvolvimento, quais sejam, a interação social e a linguagem, além da ocorrência de comportamentos repetitivos e estereotipados”.

Desse modo Araújo concorda ao afirmar que:

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos ou interesses repetitivos ou restritos (ARAÚJO, 2019, p.1).

Neste aspecto, a autora ainda coloca que estas características são o foco do transtorno, além disso, é uma síndrome considerada permanente, pois ainda não se tem uma cura total do problema, apenas intervenção nos sintomas. A deficiência mostra sua origem desde os primeiros anos de vida da criança, assim como os sintomas.

Eler (2019) ressalta que, o autismo TEA, era também conhecido como síndrome de asperger, devido à contribuição do pediatra austríaco Hans Asperger, assim pessoas que apresentam esta dificuldade são muito interessadas e focadas em algo que lhe causa grande interesse e, por essa razão, não querem saber de outros assuntos. Além disso, os gostos são variados, alguns preferem falar de matemática, outros sobre o meio ambiente etc. Vila et al., (2009) mostra que estudos recentes de 1994, apontam que o autismo e a síndrome de asperger, podem ter diferenças, enquanto os indivíduos com síndrome de asperger, não apresentam atrasos significativos de desenvolvimento na fala ou cognitivo, os autistas desenvolvem esta característica.

Desse modo crianças com autismo, apresentam um déficit cognitivo, na capacidade de se comunicar e interagir socialmente. Podem exibir movimentos repetitivos e ficam agitados se tiverem que mudar algo em sua rotina. Em alguns casos mais severos, eles podem ter dificuldades no uso da linguagem, coordenação motora podendo se tornar até agressivos. Nesse caso, a pessoa necessita de cuidados do outro para sobreviver, não conseguem se comunicar com coisas básicas como: expressar uma dor. No entanto depende muito de cada caso, o espectro autista possui particularidades, as quais devem ser observadas e avaliadas (ELER, 2019).

Por isso, de acordo com Araújo (2019) o diagnóstico mais cedo e a intervenção sobre os sintomas, pode ter ganhos significativos tanto para o cognitivo quanto à adaptação da criança na sociedade. Desse modo, esta ação precoce, pode contribuir demasiadamente para o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos.

As crianças portadoras de TEA, não apresentam problemas físicos diferentes das outras, apenas algumas especificidades no comportamento marcante, que podem ser percebidos pela família e pelos professores. Elas podem se isolarem em seu próprio mundo, evitando interagir com as pessoas dificultando na comunicação, muitas são hiperativas enquanto outras são passivas. A personalidade de cada autista é algo que é diversificado (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

Segundo Eler (2019) as pessoas diagnosticadas com transtorno de autismo, apresentam uma característica interessante, pode-se dizer que é uma síndrome com predominância masculina, pois a cada três homens apenas uma mulher desenvolve o transtorno. Além disso, outro fator é que a criança que possui autismo tem dificuldade de contato visual com as pessoas e não aceitam muito obedecer a ordens ou regras.

3.3 OS DESAFIOS DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Eler (2019) aponta que, o autismo em 2018, para cada 59 crianças 1 apresentava transtorno de espectro autista, isso mostrava que em relação aos anos

anteriores o problema vem aumentando mundialmente. Neste cenário, no ambiente escolar é provável que se tornasse um desafio na educação, pois não é fácil envolver o aluno autista em alguma atividade se não é em tudo que este se interessa.

Segundo Fernandes e Silva (2016) atualmente a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar vem causando um desafio docente e para a equipe da educação e, entre elas uma formação mais adequada para lidar com o fato. Isso porque não basta apenas inserir alunos na escola, mas dar atendimento a estes em todas suas especificidades com objetivo de uma educação de qualidade. Desta forma o professor é a peça fundamental na aprendizagem. Assim os autores declaram que:

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. “É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão”. Assim, é importante que os professores estejam aptos a atuar com alunos autistas a fim de que estes se desenvolvam em todos os seus aspectos: físico, afetivo, social e cognitivo (CUNHA, 2014, p. 101 *apud* FERNANDES; SILVA, 2016).

Neste sentido, o papel do professor no processo de inclusão é primordial, é ele que tem mais conhecimentos e convive maior tempo com as crianças, podendo perceber as necessidades educacionais especiais, antes da família ou do médico. No entanto, o professor possui mais insegurança em comentar até mesmo pelo próprio fato de que ninguém, nem mesmo o médico, tenha percebido anteriormente. Também pelo fato de muitos pais não aceitarem de início que a criança possui transtornos especiais (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

Ser docente não é uma tarefa fácil, pois esta precisa se desdobrar e recorrer à pedagogia que atendam às necessidades de cada criança e que lhe prenda a atenção e a leva ao conhecimento e à aprendizagem. Além disso, o desenvolvimento da linguagem de crianças com TEA não acontece no mesmo período que as outras ditas normais, pois costumam repetir sons do dia a dia, fala dos pais, diálogos que ouvem nos programas de televisão entre outros. Por isso, é possível conhecer as características do autista para criar estratégias para o desenvolvimento e interação. As necessidades específicas destas pessoas precisam ser consideradas em um ambiente de troca entre os indivíduos, pois estes determinarão o ritmo de desenvolvimento de qualquer aluno (FERNANDES; SILVA, 2016).

Segundo Mello et al., (2013) no processo de inclusão educacional, há uma carência em profissionais capacitados que compreendem o problema, muitas vezes a escola até se recusa a receber alunos, impedindo que alunos com autismo aprendam e desenvolvam seu potencial. Melo, reforça que:

A inclusão escolar de pessoas com autismo é muito precária, apesar de a legislação apoiá-la (e exigí-la) e de algumas iniciativas ainda incipientes. Como as pessoas com TEA são muito diferentes entre si, cada precisa de condições individualizadas de ensino, com diferentes graus de adaptação e apoio (MELLO et al., 2013, p. 58).

Este aspecto mencionado requer um olhar pedagógico da escola, já que os sintomas podem variar de modo individual desde o mais leve quanto ao mais grave. Por isso levando em conta à aprendizagem a escola é o lugar ideal para ela, desde que tenha apoio familiar e políticas de educação e saúde.

Ao enfrentar os desafios impostos no ambiente escolar, os professores são os principais agentes de apoio à educação de alunos autistas, para que se sintam capazes e iguais. Neste sentido, não é a criança autista que precisa se adaptar ao ambiente escolar regular, mas a equipe de educação precisa estar preparada para recebê-las desenvolvendo planos pedagógicos para os professores trabalharem.

O termo autismo na educação não deve ser tomando como sinônimo de deficiência, incapacidade, uma vez que representa apenas uma necessidade especial, oriunda de condições individuais de cada aluno. Nesta perspectiva, uma escola para ser inclusiva com boa qualidade, implica em igualdade, participação e aprendizagem adaptada as necessidades individuais de cada aluno (SILVA, 2011).

Portanto, o autismo precisa de uma educação que envolve diversidade e personalização. Assim não se trata apenas de pensar nos alunos com alguma deficiência, mas de inclui-las nas classes regulares.

3.4 ALGUNS RECURSOS PEDAGÓGICOS QUE CONTRIBUEM NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS

O processo de inclusão de alunos com alguns transtornos é algo que vem aumentando as discussões nos últimos tempos em função dos desafios da escola na

construção da aprendizagem. Apesar destas discussões em torno desta temática, a prática do professor e as limitações dos alunos são preocupantes. Há uma carência de formação de profissionais para atender esta demanda, isso porque, as políticas públicas apenas aplicam a inclusão, mas não basta apenas incluí-los para mostrar à sociedade a preocupação e a atuação, mas dar suporte e adequar os ambientes educacionais às necessidades de crianças com deficiência com direitos respeitados (SILVA, 2011).

Por isso Teixeira et al., (2015) ressalta que, ao ser inserido em um ambiente escolar regular, as crianças com transtorno de desenvolvimento TEA, assim como outros possuem necessidades especiais, merecem atenção redobrada pelas suas condições clínicas, comportamentais, cognitivas e sociais, sendo necessárias mudanças nos currículos escolares e estratégias pedagógicas adequadas. Quando os transtornos demonstram prejuízos cognitivos e comportamentais graves, a adaptação de um aluno com autismo é dificultosa. Dessa forma, a aprendizagem destes alunos, tem ocasionado maior prejuízo do que benefícios para eles, bem como à equipe da educação, que não conseguem encontrar solução.

Neste sentido, o processo de inclusão de crianças com autismo na escola de ensino regular, deve levar em conta a atuação do professor, pois este deve estar preparado para atender estas crianças de modo igualitário. Por isso Barbosa e outros afirmam que:

Para acontecer à inclusão de fato, os sistemas de ensino devem criar escolas e capacitar professores e funcionários, para que os mesmos compreendam a singularidade de cada criança e aprendam a conviver, respeitar e principalmente oferecer a mesma qualidade de ensino a todos, com as mesmas condições de desenvolvimento (BARBOSA et al., 2013, p. 6).

Segundo Bruni et al., (2013) o professor é a pessoa mais importante no processo de aprendizagem do aluno, pois é ele que tem função de mediar à aprendizagem, sem importar as diferenças. Em uma sociedade de mudanças constante na educação, o profissional precisa se atualizar e rever práticas. Por isso, antes de tudo o professor pode perceber comportamentos fora do comum dentro da sala de aula, pois o aluno pode ter apenas dificuldade na aprendizagem, mas muitas vezes, pode ser algo mais sério como transtornos de autismo. Desse modo, exige do professor, estratégias para tornar o processo mais interativo e de qualidade como:

dirigir-se ao aluno autista quando exigir tarefas, pois estes têm dificuldades com comunicação verbal e não verbal, por isso, o uso de um vocabulário mais simples e direto pode contribuir com o entendimento assim como estímulos visuais para estabelecer rotina e instrução. Exemplo: utilizar cartazes e figuras que orientam a criança em relação às tarefas como permanecer sentado, levantar etc.

Outra ação do professor é evitar colocar muitas informações em uma atividade para não confundir o aluno, assim devem-se usar instruções claras, diretas e simples para cada tarefa orientada. Um exemplo é quando o professor diz aos alunos: abram o caderno, copiem o que estou escrevendo na lousa, leiam o enunciado e realizem as atividades propostas. Esse método pedagógico para crianças que não apresentam nenhuma dificuldade consegue acompanhar a sequência enunciada pelo professor, mas uma criança com autismo leva tempo tentando assimilar a sequência colocada (SILVA et al., 2012).

De acordo com a organização mundial da saúde (OMS, 2000) as evidências mostram que as crianças com TEA, não conseguem aprender usando apenas os métodos tradicionais, onde o professor explica conteúdo e pede resolução de atividades complexas.

Para crianças que se encontram em processo de alfabetização, é preciso pegar na mão da criança e ajudá-la para que sinta confiança, além disso, é necessário que a criança faça várias vezes à mesma atividade, sem reprimir os erros, pois assim eles se sentem independentes. Deve ser observada a posição do aluno na sala de aula, é importante que alunos com TEA, permaneçam na fileira da frente com um dos lados da carteira encostando-se à parede e o outro lado com espaço suficiente para que a auxiliar (acompanhante) possa sentar-se. O professor deve evitar gritar, pois estes se tornam agressivos e inquietos (BRUNI et al., 2013, p. 41).

Sanini et al., (2013) ressaltam que, os alunos autistas são muito focados em algo de seu interesse, isso é primordial para o professor descobrir a criatividade de seu aluno, o que este gosta de fazer para trabalhá-lo, alguns focam no desenho, jogo, música, leitura, história. Para isso é necessário envolvê-los em todas as atividades, a estratégia de incluí-los em interação é primordial no comportamento de crianças autistas, atividades lúdicas.

Nesta linha Benini e Castanha, ressaltam que:

Já os jogos, dentre eles os de caráter lúdico cooperativo são importantes à medida que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do autista. São considerados relevantes, pois estimulam aspectos afetivos, proporcionando ganhos em habilidades sociais. Sendo assim, um instrumento significativo no processo de inclusão escolar (BENINI; CASTANHA, 2016, p.16).

Estas atividades são importantes para desenvolver na criança a interação social, pois esta é uma dificuldade característica do autismo. Assim, mediando às atividades em grupos podem ajudá-los. Nestes momentos, os comportamentos dos alunos tidos normais podem ser significantes, desde que eles compreendam como tratar as diferenças.

Para os autores citados, as crianças com autismo têm capacidade de brincar de faz-de-conta mesmo de maneira limitada, principalmente se envolver em brincadeiras com pares e participação adulta. Pesquisas apontam que autistas que participam de treinamentos que tenha técnicas de interação, participam de jogos, brincadeiras e atividades de aprendizagem, aumentam a capacidade destas. Crianças com TEA, não aceitam ficar somente preso dentro da sala de aula, logo se estressam e ficam agressivas, por isso atividades que sejam ao lar livre também podem ser relevantes aos alunos, não somente eles, mas para aprendizagem de todos.

Um exemplo interessante que contribui expressivamente com a melhora comportamental dos autistas são chamados Análise aplicada do comportamento (Applied Behavior Analysis- ABA). Esta pesquisa mostra que, a característica mais importante para o professor avaliar o aluno com TEA, é avaliar o comportamento e a intervenção sobre o ambiente. Desta forma, o comportamento do autista não é visto como característica. O professor pode usar atividades diferentes como a música, interação entre grupos, fazer brincadeiras e outras (SILVA et al., 2012).

Silva et al., (2012) reflete que um grande problema na sala de aula com o aluno autista ou qualquer outro tipo de transtorno, é que os professores e equipe escolares muitas vezes despreparados para o desafio não consegue ensinar à criança comportamentos de obediência e regras, por sentirem-se inseguros com a situação do aluno. Assim pelo fato de uma criança ser autista não tem capacidade de seguir regras como as outras, então a criança fica livre para decidir o que quer fazer. Há casos de crianças que interrompe o professor o tempo inteiro, gritam, fala alto, levantam e até tomam o giz do educador para desenhar no quadro. Isso traz

sérias consequências à aprendizagem a todos os outros alunos inclusive ao professor.

3.4.1 Casos de Pesquisas Tecnológicas na Educação

De acordo com Benini e Castanho (2016) em uma sociedade tecnológica, a tecnologia pode ser vista a favor do professor no processo de inclusão servindo como um recurso alternativo. Um dos métodos é conhecido como comunicação alternativa (CA), a qual se destina a pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade de falar ou escrever.

Em uma pesquisa sobre a tecnologia na educação realizada nos anos 1980 aponta que um dos recursos utilizados e amplamente conhecidos no mundo inteiro, são os materiais e cartões com elementos representativos de imagens e figuras, denominados de PCS – (Símbolos de Comunicação Pictórica). Segundo os autores:

O PCS é uma técnica de intervenção criada pela fonoaudióloga estadunidense Roxanna Mayer Johnson em 1980. Esta técnica de comunicação utiliza desenhos simples de fácil reconhecimento, facilmente combináveis e úteis para criação de atividades educacionais. O sistema de símbolos PCS geralmente é aplicado na intervenção de autistas com graves atrasos na fala e grandes comprometimentos na área da linguagem (BENINI; CASTANHA, 2016, P.13).

A comunicação alternativa é utilizada pelo mundo todo, tornando-se um meio de interação entre professor e aluno com alguma necessidade especial para comunicação. Assim os alunos que têm alguma dificuldade poderá se comunicar e expor ideias com recursos especiais.

De acordo com o manual de educação de deficiência Brasil (2004) estudos educacionais têm demonstrado que a comunicação se utilizando de imagens é uma estratégia importante para intervir na aprendizagem do autista, pois permite o uso da linguagem visual. Dessa forma, o uso de figuras geométricas, peças coloridas e miniaturas atuam positivamente no desenvolvimento de habilidades, observação, investigação e raciocínio de alunos com TEA. A comunicação engloba as diferentes formas de se comunicar. Exemplos de imagens são: Agendas, calendários, fotos,

listas, roteiros de estudos ou tabelas e figuras são ótimos exercícios para o professor usar na sala de aula. No caso das figuras as pranchas com estímulos removíveis podem ser essenciais na comunicação alternativa, pois aquelas são coladas nestas. O aluno pode, por exemplo, escolher uma das figuras dadas pelo professor e indicar na figura com as mãos o que este deseja fazer como: comer, beber, ir ao banheiro.

Além disso, possuem recursos modernos com os quais os alunos já estão adaptados, os sistemas computadorizados. Estes recursos podem ser utilizados pelos alunos com apoio de outras pessoas ou não (BRASIL, 2004).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste estudo foi possível chegar aos objetivos propostos, em que se pode compreender que, os desafios da aprendizagem para crianças com autismo são um enorme desafio na escola comum e, apesar de grandes mudanças nas Leis às práticas não são significativas.

Pode-se compreender também que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento e que tem impactos profundos na vida destes alunos caracterizada pelo aspecto de interação social. Além disso, é mais marcante ao serem inseridos no processo de inclusão, onde se envolve práticas pedagógicas para uma aprendizagem efetiva.

Desta forma, é necessário rever práticas educativas e pedagógicas que ofereçam ao aluno autista capacidade de desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. Por meio de aprimoramento destas práticas, uso de recursos e, principalmente da instrumentalização de professores, é possível maior compreensão sobre as especificidades que estes alunos apresentam nos processos de socialização e aprendizagem.

Portanto, espera-se que este estudo tenha contribuído para o fortalecimento deste tema em relação a recursos pedagógicos necessários a estes alunos no desenvolvimento e na educação. E enfim em uma construção de caminhos mais humanizados e sem preconceito, para que os alunos, sem importar a deficiência particular, possam ser respeitados e igualitários não apenas por parte dos professores, mas de um sistema político que coloque em práticas as leis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liubiana Arantes. **Transtorno do Espectro do Autismo**. Manual de Orientação. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Sociedade Brasileira de pediatria. 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Ped._Desenvolvimento_-_21775b-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf>. Acesso em: 27.07.2020.

BENINI, Viviane; CASTANHA, André Paulo. **A Inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: Desafios e Possibilidades**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf>. Acesso em: 22.08.2020.

BARBOSA, Amanda Magalhães, et al., **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo**. XI congresso Nacional de Educação. Educere: Curitiba, 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969_6165.pdf>. Acesso em: 03.08.2020.

BORBA, Lúcia. **Metodologia da Pesquisa**. Florianópolis: UFSC, 2003.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

BRASIL. **Lei Federal n. 13.146, de 6 de Julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 22/08/2020.

BRASIL. **Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência: recursos para comunicação alternativa**. Secretaria de educação especial. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/comunicacao.pdf>>. Acesso em: 22.08.2020.

BRASIL. **Lei Federal n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 18/08/2020.

BRUNI, Ana Rita, et al., **Autismo e realidade**. Cartilha: autismo e educação. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf> Acesso em: 03.08.2020.

CHIARI, Brasília Maria, et al., **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Revista: Sociedade Brasileira. Scielo. Fonoaudiologia. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf>>. Acesso em: 27.07.2020.

DECHICHI, Claudia; FERREIRA, Juliene Madureira. **Atendimento educacional especializado: Deficiência mental**. Unidade IV – Práticas Educacionais Inclusivas. Centro de Pesquisa, Ensino, Extensão e Atendimento em Educação Especial – CEPAE Curso Básico: Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

ELER, Guilherme. O quebra cabeça do Autismo. **Revista: super interessante**. Ed. 419, 2019.

FELDMAN, G., LIAN, H., KOSINSKI, M., STILLWELL, D. (2017). Francamente, nós nos importamos: a relação entre palavras e honestidade. **Psicologia Social e Ciências da Personalidade**. Publicação online avançada. doi: 10.1177/1948550616681055. Acesso em: 18/08/2020.

FERNANDES, Adriano Hidalgo; SILVA, Rosane Gumiero Dias. **Formação do professor para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA) na rede regular de ensino**. Os desafios da escola Pública Paranaense na perspectiva do professor- PDE. V.1. Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf> Acesso em: 27.07.2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MELLO, Ana Maria, et al.,. **Retratos do autismo no Brasil**. AMA - Campanha 2012. Avaliação e observações sobre os questionários de pesquisa. Brasília, 2013.

Disponível em: <<https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/RetratoDoAutismo.pdf>>. Acesso em: 20.08.2020.

MELLO, Ana Maria, et al., **Retratos do autismo no Brasil**. São Paulo: Associação dos Amigos do Autista, 2013. 174 p.

NASCIMENTO, Maria Andreza; NASCIMENTO, Antônio Anderson Brito do; SANTOS, Mariluze Riani Diniz dos. Autismo e o trabalho docente: reflexões sobre os desafios encontrados para a inclusão de uma autista na educação infantil. **Revista Includere**, v.3, n.1, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7403>>. Acesso em 12.07.2020.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de, et al., Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis** Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p.707-726, jul. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00707.pdf>>. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300017>. Acesso em: 03.08.2020.

OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. Revendo ciências básica. Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, SP, 2017. Acesso em: 28.07.2020.

OLIVEIRA, Maria Luz Santos. **Formação docente e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: Algumas Reflexões**. Joao Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1971/1/MLSO13092016>>. Acesso em: 22.08.2020.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças e problemas relacionados a saúde**. 10º revisão (CID-10). 2000. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf>. Acesso em: 22.08.2020.

SANINI, Cláudia, et al., Competência Social e Autismo: O Papel do Contexto da Brincadeira com Pares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Rio Grande Do Sul, 2013, v. 29, n. 1, pp. 99-105. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n1/12.pdf>>. Acesso em: 12.07.2020.

SANTOS, Nilza Maria. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Londrina- Pr, 2009. Disponível em: <<https://www.educaretransformar.net.br/wp->

content/uploads/2017/04/dificuldades-de-aprendizagem-pdf-2.pdf>. Acesso em: 12.07.2020.

SILVA, Evaldo Alves. **Os desafios o autista no cotidiano escolar**. Especialização em desenvolvimento humano: educação e inclusão escolar. Brasília, 2011. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2340/1/2011EvaldoAlvesdaSilva.pdf>>. Acesso em: 03.08.2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora: Objetiva/Fontanar, 2012.

TEIXEIRA, M.C.T.V.; SILVA, N. A.; BARALDI, G.S.; EMERICH, D.R.; MILAN, E.; CARREIRO, L. R. R. Intervenções em sala de aula com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo. In: DIAS, N.M.; MECCA, T.P. (Org.). **Contribuições da neuropsicologia e da psicologia para intervenção no contexto educacional**. São Paulo: MEMNON, 2015. p. 249-258.

VILA, Carlos, et al., **Autismo e síndrome de asperger**. Instituto Manuel Teixeira Gomes. Psicologia: Portugal, 2009. Acesso em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0140.pdf>>. Acesso em: 03.08.2020.